

Carlos Eduardo/AE



O rosto inocente da indiazinha Timbé está pintado: sinal da guerra que a tribo promete fazer contra o grupo de posseiros que ocupa a reserva

Índios do Pará se armam para expulsar posseiros

Com rostos pintados de vermelho, símbolo da guerra, eles se preparam para retomar reserva ocupada. Colonos prometem reagir

Warner Filho
Enviado especial

Capitão Pojo (PA) — O conflito é iminente na reserva do Alto Rio Guamar, onde vivem os índios da tribo Tembé que na semana passada estiveram reféns de um grupo de posseiros na vila Livramento. Os índios não estão mais dispostos a aceitar invasões na reserva. No sábado, o líder de uma das aldeias da tribo, Ednaldo Tembé, jurou vingança contra os posseiros. “Quem entrar em nossa terra vai morrer, seja pequeno, grande, homem ou mulher”, ameaçou.

Os posseiros advertem: se os índios voltarem à vila, pode haver novo conflito. “E não sei nem se vai dar tempo de avisar as autoridades”, alerta o posseiro José Lúcio Ferreira de Aguiar, 46 anos de idade e 24 na posse, onde ocupa 50 hectares.

Espalhados em mais de 100 co-

munidades, cerca de 1.500 posseiros ocupam a reserva, de 280 mil hectares, 250 quilômetros a leste de Belém. Além deles, também estão na área diversos fazendeiros. Uma dessas fazendas, segundo colonos e índios, tem 6 mil hectares.

Os índios estão reunidos desde sexta-feira discutindo o que fazer contra a ocupação da reserva. Ontem eles aceitaram receber os jornalistas que cobrem o conflito. Valdeci Tembé, que funcionou como porta-voz do grupo, disse que o clima na reserva é de revolta, mas que os índios esperam que o governo federal resolva rapidamente o problema. “Se houver negociação, não vai ter violência. Se eles agirem rápido, não haverá problemas. Caso contrário, não sei o que pode acontecer”, disse.

Está marcada uma reunião para amanhã, em Belém, com representantes dos índios, dos colonos, Incra, Funai e Ibama, para tentar en-

contrar uma solução para o problema. Os índios reclamam que os posseiros brancos, além de invadir a reserva para plantar e criar gado, fazem extração ilegal de madeira e cultivam maconha na área.

FUZÍS E FLECHAS

Os primeiros colonos chegaram na reserva Tembé nos anos 60. Mas foi nos anos 80 que a ocupação se acentuou na área onde hoje, segundo a Funai, vivem 1.200 índios das tribos Tembé, Caapó, Guajajara e Tibira.

Os desentendimentos com os Tembé começaram há cerca de 20 dias, quando o Ibama iniciou uma operação para fiscalizar a extração de madeira na reserva, a partir de denúncias dos próprios índios. Foi apreendido um carregamento de 400 metros cúbicos de toras (cerca de 40 árvores grandes). Logo depois, o Ibama liberou a carga.

O fato revoltou os índios. Na quarta-feira passada, 77 deles foram até Livramento, uma das vilas dos posseiros, para cortar e queimar as toras. Nessa incursão, causaram diversos prejuízos: mataram vacas, ovelhas, galinhas e cortaram pneus de

bicicletas, além de outros estragos.

Os colonos prenderam os índios, apreendendo suas flechas e 50 rifles (que não foram devolvidos) e os mantiveram como reféns por três dias. Além disso, queimaram duas camionetas da Funai usadas por eles.

Agora os índios também acusam os colonos de terem ficado com cerca de R\$ 1 mil do grupo — dinheiro que seria usado para viajar a Belém.

“Se eles quebrarem o contrato, ninguém sabe o que acontecerá”, avisa o líder dos posseiros, Humberto Alencar, o Paraíba. O contrato é um acordo assinado por representantes de colonos, índios, Ibama, Incra e Funai, onde se estabelece uma espécie de trégua com o compromisso de encontrar soluções para o conflito.

Os posseiros reclamam que precisam daquela terra para viver e que os índios nem usam toda a área da reserva. Os índios rebatem: “Os brancos são burros. Não entendem que nossa cultura é diferente da deles. Índio não derruba árvore e respeita a terra. Não somos como os brancos que devastam tudo”, disse Valdeci.